

Lideranças e crises da democracia antiga em Heródoto, Tucídides, Xenofonte e Políbio

Leaderships and crises of ancient democracy in Herodotus, Thucydides, Xenophon and Polybius

BRENO BATTISTIN SEBASTIANI¹ (*Universidade de S. Paulo — Brasil*)

Abstract: the text examines passages taken from the aforementioned historians in an attempt to understand, on the one hand, how fragile a democracy may become, as a result of collective choice and action, and, on the other, how resilient it may prove to be when leaderships do everything to destroy it, to the point of bolstering forces that would eventually restore or reinforce it, after having brought it down temporarily. Based on the enactive approach proposed by Y. Popova (2015), this text discusses how the narratives deriving from the examples examined remain valid when addressing contemporary issues.

Keywords: democracy; Herodotus; Thucydides; Xenophon; Polybius; narrative.

I

Não é exclusividade contemporânea a instrumentalização de situações críticas por agentes que, servindo-se delas, alcançam, concentram ou consolidam poder. Guerras; crises econômicas; pandemias; ameaças, reais ou não, pressentidas e/ou fomentadas; convulsões sociais; catástrofes naturais, por exemplo, todas são e sempre se prestaram a pretextos por excelência para todo tipo de aspirante a líder dar concretude às próprias ambições e pôr em xeque, senão os fundamentos, a própria existência de democracias, diretas bem como representativas, permanentemente vulneráveis a tais investidas. Raros são os exemplos contrários, que nelas têm um chamado à ação com vasto potencial para garantir glória permanente a quem as enfrenta com competência, reforçando por consequência a democracia em que tais exemplos se dão. Via de regra é a conjugação de respostas precipitadas, simplistas e espe-

Texto recebido em 24.06.2020 e aceite para publicação em 07.12.2020. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — Brasil (303439/2019-0). Este trabalho também é parte do projeto “Crises (staseis) e mudanças (metabolai). A democracia ateniense na contemporaneidade”, apoiado por CAPES (Brasil) e FCT (Portugal) (2019-2021).

¹ sebastiani@usp.br.

ciosas, que acabam por beneficiar somente uma ou poucas das partes envolvidas, o que prevalece, respostas frequentemente endossadas pelos mais vulneráveis embora inábeis, ou por demais atordoados, para identificar com precisão as novas ameaças iminentes.

As narrativas de Heródoto, Tucídides, Xenofonte e Políbio examinam diversos problemas associados a exemplos que tais, sobretudo em passos que articulam dois elementos fundamentais para a presente discussão. Nas narrativas de Heródoto, Tucídides e Xenofonte, as expressões *demagogós* e *prostátes toû démou* (ou locuções do mesmo campo semântico formadas a partir do verbo *proístemi*) significavam originalmente apenas “líder do povo” ou “da facção popular”² por oposição à dos aristocratas ou dos oligarcas, mas não necessariamente conotavam a acepção pejorativa associada ao vernáculo corrente “demagogo”. Esta, a acepção negativa, nos foi legada sobretudo pelos textos de filósofos como Platão e Aristóteles, acepção cujos traços são rastreáveis também na narrativa de Políbio. Já noções como *metabolé* (reviravolta) ou *stásis*, literalmente “tomada de posição” cujo prolongamento não equacionado era percebido como janela de oportunidades para aspirantes à autocracia e estopim de guerras civis de proporções imprevisíveis, designava o que em todos os quatro historiadores correspondia à noção corrente de “crise” nas esferas social e política, a despeito da quantidade de agentes envolvidos³.

Este texto discutirá ocorrências pontuais nas narrativas de cada um dos quatro historiadores mencionados a fim de examinar um problema que ainda é central no debate contemporâneo sobre as relações entre líderes, liderados e crises: os meios que facultam a ascensão do autocrata, seja ele o tirano ou o

² LANE (2012), *contra* SIGNER (2009).

³ PRICE (2004). Dentre as obras que examinam liderança antigas, embora sem correlacioná-las ao problema da *stásis* e da atuação popular na antiguidade, merecem destaque os artigos de LANE (2012) e SALDUTTI (2015), que abordam o problema de modo semelhante, fazendo ambos levantamentos filológicos exaustivos das ocorrências de *demagogós* na literatura grega supérstite (e não apenas na historiografia). O primeiro, além disso, retomando argumentos de OBER (1989), critica as abordagens de FINLEY (1985) e SIGNER (2009), que não teriam considerado a ambiguidade inerente ao vocábulo e, por isso, teriam insistido, de saída e algo acriticamente, apenas em sua acepção negativa e acentuadamente contemporânea. O segundo, igualmente um levantamento filológico, porém restrito às ocorrências do vocábulo *demagogós* até o século IV a.C., privilegia, entretanto, seu emprego na filosofia e na oratória.

demagogo antigos e seus congêneres contemporâneos, e de que modo o enfrentamento de tais personagens pode mesmo acabar por fortalecer uma democracia. A passagens a serem discutidas são as seguintes: a ascensão de Pisístrato em Atenas e uma observação atribuída a Dario respectivamente em Hdt.1.59-64 e 3.82; a guerra civil em Corcira em Th.3.69-84; um juízo sobre Terâmenes atribuído a Crítias em Xen.Hell.2.3.24-48; e a descrição teórica do despontar da liderança oportunista em Polyb.6.8-9. Este texto busca, por outras palavras, examinar momentos críticos por excelência a partir dos quais uma sociedade atinge um ponto sem retorno, isto é, aquele depois do qual uma democracia é convertida em outro modo de governo, tendo sido ela privada da qualidade de sistematização política coletivamente consentida. Busca-se compreender, acima de tudo, quão frágil a democracia é enquanto fruto de escolha e criação coletiva, por um lado, e ao mesmo tempo quão resiliente pode ser, por outro, quando da atuação de lideranças que tudo fizeram para destruí-la e, ao fim de todos os seus esforços, acabaram por apenas fomentar forças que acabariam por restaurá-la ou reforçá-la depois de momentaneamente abatida — caso, por exemplo, da resistência dos marinheiros atenienses em Samos ao golpe dos Quatrocentos em Atenas em 411.

Em sua manifestação contemporânea o problema da ascensão de autocratas tem sido discutido por diversos autores recentes⁴. Em que pesem, embora, seus argumentos, este artigo pretende se focar em elementos bastante específicos a respeito da conexão entre lideranças populares e situações críticas por meio de questões que possam ser úteis para a compreensão do fenômeno tanto em democracias antigas quanto em contemporâneas: como a definição de “liderança popular” impacta a de “democracia” e de “crise”? De que modo lideranças populares exploram em benefício próprio os efeitos de situações críticas por vezes por elas mesmas desencadeadas ou, por outro lado, atacam a raiz de um problema em favor da coletividade que as apoia?

⁴ E.g. MYERS (1991), BERENT (1998), MORGAN (2003), MUSTI (2006), KROEKER (2009), CONDILO (2010), GUELFUCCI (2010), BARBOSA (2011), PÉBARTHE (2012), THORNTON (2013), ERSKINE (2013A, 2013B), SEAGER (2013), TUCI (2013), ZUNINO (2013), PETRUCCIANI (2014), TEERGARDEN (2014), FERRARIO (2017), CASSESE (2017), MARSILI; VAROUFAKIS (2017), INTERNATIONAL IDEA (2018), LEVITSKY; ZIBLATT (2018), LOPES (2018), RODRIGUES (2018), SEBASTIANI (2018A, 2018B), SOARES (2018), SOLANO (2018), VAROUFAKIS (2018), MOUNK (2018), CROUCH (2019), STIGLITZ (2019).

Até que ponto, por outras palavras, o líder popular é agente de transformação negativa ou positiva, e segundo quais critérios? Qual a natureza e o tipo de conflitos que fomentam para obter ou preservar poder? E qual a relevância de tais atuações para a proposição da democracia como projeto político?

Antes que “avançar por vias batidas por grandes homens”, este texto se vale da abordagem enativa proposta por Y. Popova (2015) para discutir como as narrativas a que dão ensejo os exemplos elencados permanecem válidas para se pensar problemas contemporâneos. Tal abordagem compreende narrativas como séries coerentes de eventos reportados orientados por sequências de causa e efeito por vezes articuladas por metáforas. Por metáfora, entende-se um “thought process that relies on taxonomic relations of similarities”, “as a cognitive process of reorganizing experience whereby a set of properties and relations constituting knowledge about one entity are used to think about a new target entity”⁵. Dito de outro modo, este texto busca apontar elementos que permitam a compreensão do fenômeno antigo com auxílio de instrumental contemporâneo em um processo que pode, virtualmente, ser conduzido também na outra mão da via⁶.

II

Embora Atenas ainda não pudesse ser descrita como uma democracia propriamente tal qual poderá a partir das reformas de Clístenes⁷, as iniciativas de Pisístrato narradas por Heródoto elencam ao menos cinco expedientes rapidamente identificados pelos atenienses de meados do século V como aqueles por meio dos quais um aspirante a líder se valeria de situações de *stásis* para consolidar poder como *týrannos* da cidade⁸. A fim de alcançar a tirania pela primeira vez, Pisístrato

⁵ POPOVA (2015) 98 e 102-103. Para metáforas como padrões de associação conceitual segundo a linguística cognitiva cf. também GRADY (2007), GIBBS JR (2014) e TAY (2014).

⁶ À base de tal afirmação está um conjunto de pressupostos, que dividido com HANSEN (1989, 2005), a enfatizar antes as similaridades entre democracias antigas e contemporâneas, enquanto ideologias políticas, do que suas diferenças.

⁷ Sobre associações entre Sólon e a democracia ateniense, por via de Plutarco, cultivadas nos séculos XVIII e XIX, cf. HANSEN (2005) 11-14.

⁸ Para distintos significados e modelos de tirania em Heródoto cf. DEWALD (2003). Como exemplo de ocasião em que os atenienses pressentiram a possibilidade de

a) organizou uma terceira facção quando já havia duas em litígio, procedimento arquitetado sob o pretexto de defender (προστας) os montanhese alegadamente desvalidos⁹. Notável é a acepção de *stasis* empregada por Heródoto: a de facção à qual se opõem outras duas — as de Mégacles (litorâneos) e Licurgo (os da planície) — não a de guerra civil ou convulsão social, as acepções que se sagrarão as mais correntes do termo¹⁰. A multiplicação de *staseis*, por outro lado, implica já algum tipo de conflagração social, violenta ou não. E

b) sob a alegação de ter sido ferido por inimigos, obteve uma guarda pessoal exclusiva por meio de manipulação da opinião pública¹¹.

Uma vez deposto por uma coalizão de antigos rivais, Pisístrato recupera o poder por meio de uma trama (σοφίην μηχανῶνται - Hdt.1.60.3) concertada com o auxílio de um deles, Mégacles, que então se encontrava em nova desavença com o antigo adversário Licurgo. Pisístrato

c) explora a (boa-)fé popular, senão a ingenuidade de sua credulidade, que vê na mulher travestida a própria Atena a guiá-lo¹²;

d) se reconcilia com um antigo adversário (Mégacles) cuja aliança, entretanto, é logo a seguir menoscabada¹³. Ironicamente, algo análogo — subor-

surgimento de uma tirania em função atitudes análogas, cf. as consequências do episódio da mutilação das Hermas em Th.6.27.

⁹ Hdt.1.59.3: καταφρονήσας τὴν τυραννίδα ἡγείρε τρίτην στάσιν, συλλέξας δὲ στασιώτας καὶ τῷ λόγῳ τῶν ὑπερακρίων προστας μηχανᾶται τοιάδε. Todas as traduções são de responsabilidade do autor.

¹⁰ Sobre a polissemia do termo, cf. HANSEN (2006) 125: “[t]he word stasis actually means ‘stance’; but it underwent shifts of meaning as follows: (1) stance, (2) standpoint, (3) group of people with the same standpoint, (4) in the plural: two or more groups with opposing standpoints, (5) the split between groups, and (6) civil war. Stasis always means a group that wants to preserve or obtain power by deceit or violence, i.e. a revolutionary group, never a political group operating within the constitutional framework of the city-state, i.e. what we call a political party”.

¹¹ Hdt.1.59.5: ὁ δὲ δῆμος ὁ τῶν Ἀθηναίων ἐξαπατηθεὶς ἔδωκε οἱ τῶν ἀστῶν καταλέξασθαι ἄνδρας τριηκοσίους οἱ δορυφόροι μὲν οὐκ ἐγένοντο Πεισιστράτου, κορυνηφόροι δέ.

¹² Hdt.1.60.5: <οἱ> ἐν τῷ ἄστεϊ πειθόμενοι τὴν γυναῖκα εἶναι αὐτὴν τὴν θεὸν προσεύχοντό τε τὴν ἄνθρωπον καὶ ἐδέκοντο Πεισίστρατον.

¹³ Hdt.1.61.1: κατὰ τὴν ὁμολογίην τὴν πρὸς Μεγακλέα γενομένην γαμέει τοῦ Μεγακλέος τὴν θυγατέρα. οἷα δὲ παίδων τέ οἱ ὑπαρχόντων νεηνιέων καὶ λεγομένων

nar a pitonisa (ἀνέπειθον τὴν Πυθίην χρήμασι - Hdt.5.63.1) – será praticado pelos Alcmeônidas, senão pelo próprio Clístenes (como Heródoto alude em 5.66.1) numa tentativa de depor os pistrátidas.

Tendo sido deposto uma segunda vez, retornará a Atenas onze anos depois e recobrará a tirania mediante um “engenhosíssima artimanha”¹⁴,

e) reconciliando-se com o corpo de cidadãos por meio da combinação de ameaça tácita a eventuais adversários, devido ao amplo apoio popular de que gozava, e à abundância de receitas¹⁵.

No terceiro livro, por sua vez, Heródoto atribui a Dario explícita associação entre *stásies* [sic] e oligarquia (3.82.3). A situação crítica descrita, entretanto, é a mesma de quando, instaurado um sistema político democrático, este se dissolve por dissensões populares intestinas e consequente consolidação de poder por parte de um só: “*os que vilipendiam a coisa pública fazem-no concertadamente; e tal situação perdura até que algum líder do povo (προστάς τις τοῦ δήμου) os faça parar. Por isso ele se faz admirado pelo povo e acaba por revelar-se monarca (μούναρχος)*” (Hdt.3.82.4). Assim como Pisístrato antes de alçar-se pela primeira vez à tirania — igualmente uma forma de autocracia, monarquia ou “governo de um só” — também Dario aspira a tal poder e nele se consolidará em breve, servindo-se para tanto de estratégia do cavalo (3.84-87), de engenhosidade análoga à dos atribuídos ao tirano ateniense. O raciocínio atribuído a Dario como que sintetiza de modo teórico o que o historiador já havia esmiuçado por meio de exemplos ao narrar a trajetória de Pisístrato; e deixa entrever uma percepção que parece cara ao pensamento político de Heródoto, a de que a própria democracia dá ensejo à conversão de si mesma no sistema oposto, no qual a (quase) totalidade de poderes converge para a figura de uma única liderança. E a conjuntura em que se dá tal transformação é a do despontar de *stáseis* que se sucedem e agravam.

É na narrativa sobre a guerra civil que assolou Corcira e depois se alastrou para todo o mundo helênico que pela primeira vez Tucídides emprega a

ἐναγέων εἶναι τῶν Ἀλκμεωνιδέων, οὐ βουλόμενός οἱ γενέσθαι ἐκ τῆς νεογάμου γυναικὸς τέκνα ἐμίσητό οἱ οὐ κατὰ νόμον.

¹⁴ Hdt.1.63.2: βουλὴν ἐνθαῦτα σοφωτάτην Πεισίστρατος ἐπιτεχνᾶται.

¹⁵ Hdt.1.64.1: πειθομένων δὲ τῶν Ἀθηναίων, οὕτω δὲ Πεισίστρατος τὸ τρίτον σχὼν Ἀθήνας ἐρρίζωσε τὴν τυραννίδα ἐπικούροισι τε πολλοῖσι καὶ χρημάτων συνόδοισι.

locução οἱ τοῦ δήμου προστάται (3.75.2) para se referir a chefes da facção popular. Tais lideranças terão papel de responsabilidade fundamental para com o problema então em questão, o da definição da própria *stásis* na ilha (e em toda a Hélade), aqui já a significar a sucessão de dissensões políticas que culmina em dissolução completa do tecido sócio-político de Corcira iniciadas em torno de 427/6: “*assim crua a dissensão avançou e pareceu grave, pois primeiro despontou entre eles, mas depois, por assim dizer, todo o mundo helênico se viu convulsionado por divergências em toda parte entre os chefes do povo* (τοῖς τε τῶν δήμων προστάταις) *a concitar os atenienses, e os oligarcas, os lacedemônios*” (3.82.1). A menção a tais líderes no mesmo contexto da *stásis* em Corcira reaparecerá também em 4.46.4; em 4.66.3 há análoga menção em análogo contexto, agora porém entre os megarenses — também eles cindidos em facções de cunho popular e oligárquico.

Duas outras menções a *prostátai* τοῦ δήμου na narrativa de Tucídides reforçam não apenas seu papel como pólos em contextos de *stásis*. Antes, indiciam o viés negativo ou demagógico que tais lideranças desempenham em tais contextos. Em 6.35.2, o siracusano Atenágoras é qualificado como “*líder do povo o mais capaz de persuadir a multidão*”¹⁶. O discurso que lhe é atribuído na sequência não apenas se contrapõe ao de Hermócrates, que advertia o perigo de uma futura invasão ateniense, como tenta desqualificá-lo com base em meras suposições. Análogas qualificações — “*líder popular então o mais persuasivo para a multidão*”¹⁷ e “*o mais persuasivo para a multidão*”¹⁸ — já fora atribuída a Cleão, líder popular ateniense também notabilizado pelo historiador pela virulência discursiva.

Na Atenas de 411, um dos líderes da facção popular, Ândrocles, é morto por partidários dos golpistas e de Alcibíades, num ato que o historiador associa à prática de *demagogía*¹⁹. À mesma época, por receio de Alcibíades e do exército de Samos, lideranças como Terâmenes e Aristócrates pressentem o iminente

¹⁶ ὁς δήμου τε προστάτης ἦν καὶ ἐν τῷ παρόντι πιθανώτατος τοῖς πολλοῖς.

¹⁷ Th.4.21.3: ἀνὴρ δημαγωγὸς κατ' ἐκείνον τὸν χρόνον ὦν καὶ τῷ πλήθει πιθανώτατος.

¹⁸ Th.3.36.6: τῷ τε δήμῳ παρὰ πολὺ ἐν τῷ τότε πιθανώτατος.

¹⁹ Th.8.65.2: Ἀνδροκλέα τέ τινα τοῦ δήμου μάλιστα προεστώτα ... τῆς τε δημαγωγίας ἕνεκα.

colapso da oligarquia instaurada com o golpe e, sob pretexto²⁰ de implantação efetiva dos Cinco Mil, “*pelejava cada um para se tornar líder do povo*”²¹. Novo elemento negativo é associado à caracterização de (então futuras) lideranças populares: o oportunismo, senão mesmo o travestismo político, que atraiçoa antigos partidários em nome de novos interesses.

Às vésperas de ser condenado à morte pelos Trinta Tiranos, em dura antilogia com Crítias (Xen.*Hell.*2.3.24-49), Terâmenes é acusado de ser o principal opositor da eliminação de lideranças populares (τῶν δημαγωγῶν - 2.3.27), mesmo termo que Xenofonte utiliza para qualificar chefes da facção popular em Mantinea (δημαγωγῶν - 5.2.7). Também com relação aos mantineus, em outras três ocasiões o historiador designa seus líderes democráticos como *prostatai tou dé mou*²². Assim como ocorre na narrativa de Tucídides, também na de Xenofonte as menções a tais lideranças vêm sempre associadas a momentos de crise e mudanças por vezes radicais — caso, por exemplo, da condenação capital de Terâmenes em meio a uma onda de outras violências em função das quais, pouco depois, os próprios Trinta serão por sua vez derrubados. O contexto em que se dá a antilogia entre Crítias e Terâmenes tem por pano de fundo o problema da definição — e eventual alteração — de sistema de governo: Crítias, ferrenho oligarca (2.3.24-26), senão mesmo autocrata, inicia a acusação normalizando o montante de execuções ocorridas em função do que sempre se daria em momentos de alteração de regime²³. Terâmenes se defenderá reafirmando haver tentado enfrentar e manter-se a igual distância de formas extremas tanto da democracia quanto da oligarquia e, sobretudo, da tirania (2.3.48). Também na *Anábase*, por fim, uma única ocorrência associada a *demagogós* — quando o autor descreve a própria atuação junto a seus soldados, em terceira pessoa (δημαγωγῆι - *An.*7.6.4) — apresenta um significativo exemplo de uso do termo na acepção neutra de “líder do povo”.

²⁰ Th. 8.89.3: ἦν δὲ τοῦτο μὲν σχῆμα πολιτικὸν τοῦ λόγου αὐτοῖς.

²¹ Th. 8.89.4: ἡγωνίζετο οὖν εἰς ἕκαστος αὐτὸς πρῶτος προστάτης τοῦ δήμου γενέσθαι.

²² Xen. *Hell.*5.2.3: τοῦ δήμου προστάτας; 5.2.6: τῶν τοῦ δήμου προστατῶν e 7.4.33: τοὺς προστάτας.

²³ Xen. *Hell.*2.3.24: ὅπου πολιτεῖαι μεθίστανται πανταχοῦ ταῦτα γίγνεται; 2.3.32: εἰσὶ μὲν δήπου πᾶσαι μεταβολαὶ πολιτειῶν θανατηφόροι.

Tanto em Tucídides quanto em Xenofonte as expressões associadas a lideranças democráticas — *prostátai toû démou* e *demagogoí* — definem um dos pólos articuladores de crises políticas e simbolizam relações de poder estabelecidas com o fim de beneficiar uma determinada parcela de suas respectivas sociedades porventura em detrimento das demais sobretudo em contextos de crise.

Por fim, em dois passos integrantes da *anakyklosis* de constituições, Políbio identifica dois momentos-chave de transições de regime: o primeiro, da “virada aristocrática” e, depois, da transformação de uma democracia naquilo que descreve como quirocracia, vocábulo com que designa, de modo ambivalente, o “governo dos braços”, “da força” ou o “dos piores”. No primeiro passo, quando o *plêthos* (em Políbio, sinônimo pejorativo de *démos*) toma para si *prostátai* que se tornarão futuros líderes aristocráticos, então juntos derrubam tiranias que se tornaram excessivas, violentas e injustas — nas palavras do historiador, as formas de *basileía* e *monarkhía* são então suprimidas²⁴. No segundo, a formulação do historiador assume valor prescritivo: “quando encontra um líder (προσάτην) arrogante e ousado, excluído da política por conta de sua pobreza, então a quirocracia se instaura” (6.9.8). Em todas essas ocasiões um momento crítico decisivo — a transição de um modo de governo para outro via de regra permeada por conflitos entre facções — forma a conjuntura no âmbito da qual lideranças disputam primazia.

III

Os passos apresentados põem em questão não apenas visões sobre modos de atuação de lideranças democráticas construídas em sua relação com distintos *déme*. Ao fazê-lo, tais passos também implicitamente discutem a imbricação fundamental, concreta ou virtual, que desencadearia a formação de tais lideranças, ou seja, a eclosão de *stáseis* no interior de *demokratíai*.

Os juízos atribuídos a Dario por Heródoto, assim como as percepções teóricas de Políbio, delimitariam genericamente conjunturas sociais, políticas e econômicas em meio às quais prosperariam lideranças de tendência autocrática: ambos os historiadores entrevêm no sequestro, quando não na

²⁴ Polyb.6.8.1: τοῦ δὲ πλήθους, ὅτε λάβοι προστάτας.

própria ruína, de um sistema democrático o solo fértil para o surgimento de potenciais autocratas.

As narrativas de Tucídides e Xenofonte, por sua vez, indiciam, se não mesmo descrevem, a atuação de tais lideranças já identitariamente consolidadas, em pleno exercício de enfrentamento de posições adversas: ambas explicitam o papel polarizador exercido por lideranças democráticas, de um lado, e de tendência autocrática (oligárquicas ou tirânicas), de outro. Além de associar lideranças democráticas e assassinatos políticos (como no caso de Ândrocles), Tucídides ainda atribui viés negativo à caracterização de lideranças democráticas como Cleão e Atenágoras, a quem atribui capacidade de persuasão junto ao povo em favor de posições que foram vencidas (no caso do primeiro) e de empreendimentos claramente temerários e/ou negligentes (no caso do segundo). Xenofonte, por outro lado, atribui ao sanguinário Crítias a associação entre Terâmenes e análogos problemas relacionados com lideranças democráticas, reservando a acepção neutra, senão mesmo positiva, do termo para demais lideranças, inclusive para si próprio.

Pisístrato, enfim, como se nele estivessem enfeixados diversos procedimentos práticos para se chegar ao poder e nele se manter, encarnaria o exemplo de personagem que sabe conjugar ocasião favorável e identificação polarizadora: aprofundou a divisão civil que já havia encontrado emergindo como um terceiro, quase como uma válvula de escape; manipulou a opinião pública, vitimizandose e empregando falsos pretextos, para fortalecer-se concreta e ideologicamente; e reconciliou-se tanto com um ex-adversário quanto com o conjunto dos cidadãos, garantindo assim momentos de estabilidade fundamentais para sua permanência no poder ou retomada quando perdido. Por outras palavras, no Pisístrato de Heródoto estão como que compiladas diversas estratégias utilizadas por aspirantes a demagogos para alcançar e concentrar poderes. Um fator fundamental que chama a atenção na narrativa herodoteana sobre Pisístrato, porém, é a *novidade* encarnada pelo futuro tirano: em uma sociedade cindida entre dois pólos, Pisístrato irrompe como um terceiro aliando-se a agentes políticos novos, isto é, frustradas por não terem ainda sido contemplados com efetiva participação política tal qual os outros dois e numa cidade marcada por demandas cada vez mais complexas — e que a encaminharão para a reforma democrática clistênica meio século mais tarde. Como

qualquer novidade, porém, também a encarnada por Pisístrato tinha valoração dependente do lado em que se estava em relação ao agente inovador e de acordo com interesses conjunturais concretos.

Tais passagens definem, assim, verdadeiras metáforas embrionárias de muitas práticas contemporâneas. Pisístrato se apresenta como um *outsider* antissistema contra outros dois contendores que poderiam ser identificados com a ordem vigente, uma vez que há muito se alternavam em posições de liderança. Galvaniza, assim, a oposição e as insatisfações de uma parcela específica da sociedade ateniense, mas, ao invés de promover reformas visando abertura democrática ou tão somente governar para essa parcela, acaba por centralizar em si próprio todos os poderes decisórios da cidade²⁵. E a conjuntura de *stásis* que estava na base de seu projeto político foi o meio necessário para, aprofundando-a ainda mais, justificar medidas de exceção que resultassem em acúmulo de poder em suas próprias mãos.

Nas narrativas de Tucídides e Xenofonte, por sua vez, as lideranças democráticas mencionadas ou aludidas são apresentadas por sua função de articuladores de um projeto democrático unificado e emancipatório de corte ateniense²⁶, projeto que polarizaria com o “projeto oligárquico” de corte espartano, ainda mais restritivo, que poria sociedades a serviço de apenas uma sua parcela constituinte. A proposição de um projeto democrático, por outras palavras, representaria uma posição de referência política identitária, um pólo em torno do qual poderiam se agrupar todos aqueles que partilhassem de tal projeto por convicção ou interesse, assim fazendo frente, de modo coeso, ao projeto alternativo. As conjunturas de *stásis* então inerentes a tais situações seriam, assim, consequências forçosas de tais polarizações, e só se resolveriam com o triunfo de um ou outro projeto e suas respectivas consequências sociais.

Dario e Políbio, por fim, tentam identificar o momento sócio-político, a energia e os afetos despertados pela insatisfação que leva à constituição do líder democrático embora potencialmente autocrático. Nenhum dos dois,

²⁵ BARBOSA (2011).

²⁶ Para as limitações sócio-econômicas inerentes ao modelo de democracia atenienses – fundada na mão de obra escrava, sem participação de mulheres e estrangeiros — cf. PATRIQUIN (2015).

assim, prevê que com isso um projeto democrático emancipador possa ser instaurado. Ao contrário: ambos — Políbio por coerência com a *anacitose* que acaba de propor — prevêem que tais lideranças seriam apenas o último passo para a completa dissolução do tecido sócio-político, agindo antes como o que talvez fosse melhor classificado como lideranças populistas (no sentido daquelas que submetem populações a um projeto de poder pessoal explorando ao máximo essas mesmas populações por meio de situações críticas forjadas por tais autoridades mesmas)²⁷. A *stásis* em meio à qual se manifestam seria já, portanto, o processo que compreende desde sua ascensão a liderança quanto as dissoluções mesmas que seu exercício provocaria em tais sociedades.

A conexão, pois, entre situações críticas e lideranças que delas se servem para concentrar poder via de regra com amplo respaldo popular tem nos passos destacados dos quatro historiadores uma amostra significativa de um fenômeno que se replica em democracias contemporâneas. De modo análogo ao que ocorreu no passado, quando a concentração de poderes nascida da ruína de uma democracia, ou de modo a impedir que uma se constituísse, encontrava campo quase livre para se expandir, dada a quase inexistência de instituições de controle, hoje democracias estão mais fortalecidas pela multiplicação de suas instituições, o que não as torna, entretanto, imunes nem sequer menos vulneráveis a tais investidas notadamente por parte de grupos que concentram poderio econômico e podem agir na sombra, servindo-se da liderança populista para impor as próprias agendas.

Se as metáforas de crise que emergem como substrato dos passos apresentados são de rápida identificação apesar de sua notória multiplicidade, a metáfora de democracia neles também pressuposta, por sua vez, dá margem a percepções distintas daquelas que suas formas análogas e contemporâneas permitem entrever. Democracias antigas estavam muito mais sujeitas do que as contemporâneas a riscos sistêmicos, isto é, a crises severas e à centralização personalista do poder sem mecanismos institucionais de controle (por sua própria natureza de democracias diretas). O problema, entretanto, tem análogas ramificações em democracias contemporâneas, por exemplo quando líderes

²⁷ Cf. INTERNATIONAL IDEA (2018), LEVITSKY; ZIBLATT (2018), SEBASTIANI (2018a, 2018b), SOLANO (2018), CROUCH (2019), STIGLITZ (2019).

populares têm condições de instrumentalizar, por vezes sequestrando controles institucionais, tecnologias de comunicação que lhes permitem governar contando apenas com o apoio não mediado de seus liderados e, não raro, ao arrempio de outros poderes instituídos, assim trabalhando para a obliteração ou supressão desses mesmos poderes. Uma liderança que alcançasse tal capacidade de fazer ecoar os próprios desígnios recairia naqueles atributos apontados por Tucídides como demagógicos em acepção negativa, a capacidade de ser persuasivo e, por extensão, conduzir seus liderados a situações problemáticas e/ou ruinosas, não raro às expensas de indivíduos que pensam de modo distinto. E esgarçaria, assim, a já tênue linha que distingue uma liderança legitimamente popular, que se põe a serviço de toda uma comunidade, daquela que se poderia melhor caracterizar como populista ou demagógica, que instrumentaliza o apoio de certa parcela dessa mesma comunidade para, junto dela, ou por meio dela, submeter por distintos modos aquelas demais parcelas que não comungam dos mesmos ideais, parcelas então pintadas como inimigos. Para ficarmos nos exemplos antigos, Pisístrato e Atenágoras seriam fortes candidatos a exemplificar tais lideranças.

Tal quadro nos põe diante da questão da liderança democrática e seus desvios tóxicos, como demagogia e populismo, cujas atitudes definem coordenadas fundamentais tanto para o exame do problema na historiografia antiga quanto em debates contemporâneos: negação ou falsificação do passado utilizadas para suprir ausência de projeto para o presente e o futuro; argumentação falaciosa, agressiva e calcada em dicotomias ilusórias; fanatismo polarizador calcado no ódio ao outro e no favorecimento de apoiadores radicalizados; mitomania por soluções fáceis, de feição plebiscitária, associada ao esgarçamento do papel de instituições, garantias e liberdades, mobilizada como arremedo de ampliação do exercício da democracia; inconsequência no trato com a esfera pública e destruição de modos de pertencimento a ela mediante tentativas de naturalização do que era considerado inaceitável em épocas anteriores; instrumentalização da justiça e da administração pública, institucional ou ideologicamente, para concentrar poder — por outras palavras, sequestro da esfera pública em favor de interesses privados, consequente promiscuidade entre ambos e deterioração generalizada da qualidade

da vivência em democracia, situações que tendem a normalizar conjunturas de *stásis* promovendo-as à condição de governo.

Crises revolvem — uma vez que são por definição *metabolaí*²⁸ — o subsolo em que se alicerçam democracias, assim fazendo germinar sementes que, de outro modo, talvez permanecessem adormecidas. Por outras palavras, crises são motores de mudanças que por vezes só fazem aprofundar tendências já implícitas no tecido sócio-político, não necessariamente por alterar de fato a substância de relações pré-existentes. Do amplo espectro que contempla desde o heroísmo abnegado até o mais sanguinário egoísmo, todas as manifestações sócio-políticas desencadeadas por e durante crises tão somente trazem à luz aquilo que democracias não conseguiram ou não puderam equacionar.

Democracias são hoje, como já o eram na antiga Grécia, meios para melhor equação de problemas de distintos agentes e com diferentes matizes; são construções permanentes, não estados ou sistemas, e portam, malgrado seu, germes de autodestruição, como qualquer meio imperfeito. Crises e democracias são noções intimamente conectadas; ao contrário do que imagina o senso comum, períodos de estabilidade são os de exceção; a regra, num sistema democrático, em virtude da própria pluralidade e atividade dos agentes co-envolvidos, é o conflito e a instabilidade constante que apenas a abertura inerente a qualquer democracia de fato permite equacionar de modo a não lesar ninguém, antes contemplando, ainda que minimamente, todos os envolvidos. Períodos de estabilidade como os da tirania de Pisístrato e filhos são próprios de regimes de concentração centrípeta de poder, não de sua compartimentação centrífuga própria de democracias.

IV

Quando lidos em conexão, os textos até aqui examinados configuram também uma narrativa que, se não foi claramente proposta pelos historiadores que dela examinaram traços isolados, foi ao menos intuída, razão pela qual as quatro narrativas abundam em advertências sobre os riscos inerentes à concentração de poderes em meio ou em função de situações de crise. Mais do que aspecto fundamental à escrita da história na Grécia, tais advertências

²⁸ E.g., Tucídides designa explicitamente a peste de Atenas como *τοσαύτης μεταβολῆς* (2.48.3).

foram o modo encontrada por tais historiadores para tomar parte, ainda que indiretamente, no debate político de suas próprias e respectivas épocas.

Tal narrativa assenta numa base da qual derivam todas as demais percepções. A saída de uma crise por meio da escolha de um líder carismático, que concentra poderes que partilha ou não com apoiadores ou com todo o corpo de cidadãos, representa não apenas a falência de outros projetos concorrentes. Antes, é indício de uma fratura social que até então permanecia oculta e só se faz visível com a exaustão dos projetos políticos até então vigentes. Ao concentrar poderes na esfera privada sem partilhá-los publicamente, Pisístrato aborta uma revolução que vinha adquirindo momento desde o século VII ao menos, e que acabará desencadeada por Clístenes²⁹. Por outras palavras, demandas de toda ordem — intelectual, econômica, religiosa, política — até então represadas são canalizadas não em favor de projetos concorrentes existentes e conhecidos, mas de algum outro que se apresente como inédito e, apesar ou mesmo porque arriscado, mais promissor que os demais. Frustração de toda ordem de tais anseios por parte das alternativas existentes está na base da ascensão do fator novidade representado pelo futuro autocrata. Pisístrato, por exemplo, teria vocalizado tais anseios frustrados ao assumir a tirania após se colocar como porta-voz de uma parcela da população da Ática não direta nem totalmente contemplada por seus dois outros adversários.

Em função do poder acumulado, tal personagem se converte num dos pólos articuladores do debate político, doravante articulado entre seus apoiadores e opositores em diferentes graus e matizes. Se suficientemente forte para impor publicamente projetos privados, tal liderança se converte em tirano; se não dispõe de tal força e a resistência que se lhe opõe é cada vez maior, sua deposição bem pode dar início a uma transição rápida e talvez anódina; se, porém, a situação se esgarça entre dois pólos cada vez mais afincados em manifestações antagônicas e extremadas, a polarização se agudiza até converter-se em guerra civil de desfecho imprevisível, podendo mesmo desembocar porventura numa democracia. Nessa fase, a de crise generalizada provocada por agente interno ou externo, súbito ou perceptível, até que

²⁹ Cf. FARRAR (1988) 21-22.

uma população não encontre meios para se organizar democraticamente, vive sob o risco permanente de se manifestar o que fora anunciado pela fala atribuída a Otanes por Heródoto ou pelo arrazoado de Políbio: em meio a uma sociedade em dissolução a liderança mais forte se faz seguir, concentra poderes e um novo tirano em potencial se apresenta.

Dito de outro modo, subjacente ao pensamento dos quatro historiadores pode-se identificar arrazoados que, pontuados por rápidas fases de transição, operam entre duas categorias que aspiram a abarcar todo o espectro das manifestações de poder existentes, isto é, que vão da sua concentração extrema à total dissolução e vice-versa. Cada um dos estágios intermediários entre tirania (entendida como hiperconcentração total de poderes) e oclocracia (ou desconcentração total) — monarquia, aristocracia, oligarquia ou democracia — representariam as fases de transição. Ambos os estágios — e este é o ponto significativo — conferem à narrativa que articulam o viés negativo de *modos de destruição* dos poderes até então vigentes e de todos os mecanismos de que se valiam em meio ao funcionamento dito normal da sociedade em que se davam.

Tal viés foi identificado e designado por ao menos um daqueles historiadores. Os elementos acima examinados configuram uma metáfora que pode ser designada pelo termo com que Tucídides caracterizou a situação da Hélade após a série de crises que a teria assolado a partir de 427: *kakotropía* (lit., “vórtice do mal” - Th.3.83.1). As atitudes autocentradas de Pisístrato; os conflitos sucessivos e cada vez mais graves desencadeados pela polarização entre partidários do projeto democrático ateniense e do oligárquico espartano em Corcira; o embate entre Crítias e Terâmenes que culminará com a condenação deste à morte; e os estágios de dissolução do tecido sócio-político descritos por Dario e Políbio são todas partes constitutivas imbricadas na metáfora tucidideana. Por outras palavras: práticas de viés autocentrado, exclusivistas, restritivas, beligerantes, simplistas e mentirosas, quando não sumariamente criminosas, fatalmente acrescentarão ainda mais potência àquele vórtice. Se não sustado a tempo, tal processo desemboca no caos e aniquila a sociedade em que se manifesta.

Dado não menos significativo é o início de tal processo identificado pelo historiador: ele não começa necessariamente pelos modos de agir mas,

muito antes, pela ressignificação tortuosa de palavras e narrativas. E compromete toda uma comunidade, não apenas os agentes que julgam beneficiar-se com o acirramento de tensões. Após descrever a série de conflitos cada vez mais agudos em Corcira entre partidários dos atenienses e dos espartanos (Th.3.70-81), Tucídides faz um balanço:

na paz e em conjunturas favoráveis, cidades e indivíduos têm pensamentos melhores, por não tombarem em necessidades coercivas. A guerra, porém, ao solapar facilidades cotidianas, é uma mestra violenta, que iguala os impulsos da multidão à situação. As cidades se convulsionavam; as que o faziam depois, ao saber do que ocorrera antes, agravavam em muito o excesso no inovar concepções pela destreza dos ataques e pelo absurdo das vinganças. E alteraram a bel-prazer a costumeira significação das palavras em relação aos fatos (Th.3.82.2-4).

Evitar esse processo ou sustá-lo a tempo, entretanto, é sempre possível — não se trata de algo fatídico a que toda comunidade esteja fadada por princípio. Apenas um projeto claro, uma narrativa inovadora e construída sobre ideais democráticos genuínos, de apelo persuasivo análogo — uma metáfora alternativa —, poderia contrabalançar atitudes tais. Uma proposta, ou uma reação, privada de tais aspirações condena-se a ser apenas mais um ruído tedioso e parasitário que só fomentará as mesmas iniciativas que não foi capaz de deter.

Exemplo eloquente da constituição dessa metáfora pode ser lido também em Tucídides, ao reportar os eventos que culminarão na deposição dos golpistas de 411. A proposição de tal projeto parte não de lideranças, mas do próprio *dêmos*, quando toma consciência de si mesmo e dos próprios interesses. Como uma espécie de “governo no exílio” que não se conforma às decisões tomadas em Colono, os soldados reunidos em Samos organizam por iniciativa própria uma assembleia em que discutem duas posições: a daqueles que desejavam impor a oligarquia também ao exército, e a dos que permaneciam fiéis à prática democrática (Th.8.76). Nessa assembleia, depõem comandantes e trierarcas suspeitos e elegem novos, entre eles Trasibulo e Trasilo. Reconstruindo como discurso coletivo a pluralidade de vozes anônimas manifestadas na ocasião, Tucídides reporta as posições doravante assumidas por esses marinheiros, dentre as quais se destacam duas: a percepção de que uma minoria (*scil.* Atenas) havia rompido com eles, a maioria — o que reafirma o princípio democrático da decisão majoritária (Th.8.76.3) —; e a classificação de “erro”

para a dissolução dos *patrioi nomoi*, isto é, a constituição de Clístenes e Péricles, da qual eles próprios se viam como guardiães salvadores (Th.8.76.6). Se não era um projeto propriamente inédito, ao menos tinha a vantagem de pôr às claras quem, precisamente, sairia mais lesado caso uma oligarquia triunfasse.

O projeto concretizado pelos marinheiros e suas lideranças não apenas pôs fim à oligarquia dos quatrocentos como, sobretudo, demonstrou quão resiliente um projeto democrático pode ser quando genuinamente derivado de aspirações populares legítimas (e não daquelas fomentadas ou bancadas por meios escusos), que geram engajamento consistente, antes que torcida esperançosa e conjectural. A despeito do nome conhecido e das práticas que pressupunha serem também familiares a todos os envolvidos, é novo o anseio e a meta entrevistados por esses marinheiros: se não a própria sobrevivência, seguramente a da cidade que lhes dava a razão de ser estava em jogo. As ações por eles praticadas definem uma metáfora renovada de democracia que ainda hoje poderia servir de paradigma a embasar projetos que se pretendam genuinamente democráticos: não aqueles que prevêm a instrumentalização do poder para benefício de um só ou de um grupo restrito, mas aqueles que aspiram à compartimentação equânime, justa, economicamente bem distribuída e socialmente responsável, de todas as instâncias que corporificam tal poder. A igualdade, ou nivelamento, de oportunidades que a oligarquia prometia não mais lhes bastava; a aspiração geral, agora, se voltava para uma igualdade de fundo, que contemplasse a todos os que se empenharam para a construção daquela nova metáfora. Por outras palavras, tal metáfora demarca a diferença entre um projeto que enxergava na democracia (e na oligarquia) um meio, e este, renovado, que nela vê um fim em si e para si mesmo. O sequestro e a instrumentalização da democracia não passam de disfarces tão banais quanto ruinosos que é preciso desmascarar o quanto antes; já a metáfora proposta exprime a conversão de um fundamento ético em prática permanente e harmonizadora — aquilo que qualquer democracia legítima deveria performar.

Bibliografia

- BARBOSA, L. M. (2011), "O demagogo e o homem providencial: Pisístrato pelas *Histórias*, de Heródoto": *Cadmo* 21 (2011) 167-182.
- BERENT, M. (1998), "'Stasis', or the Greek Invention of Politics": *History of Political Thought* 19.3 (1998) 331-362.
- CASSESE, S. (2017), *La democrazia e i suoi limiti*. Milano, Mondadori.
- CONDILO, C. S. (2010), *Heródoto, as tiranias e o pensamento político nas Histórias*. São Paulo, Annablume.
- CROUCH, C. (2019), "Post-Democracy and Populism", *The Political Quarterly* 90.1 (2019) 124-137.
- DEWALD, C. (2003), "Form and Content: The Question of Tyranny in Herodotus": K. A. MORGAN (coord.) (2003), *Sovereignty and Its Discontents in Ancient Greece. Popular Tyranny*. Austin, University of Texas Press, 25-58.
- ERSKINE, A. (2013a), "Making Sense of the Romans: Polybius and the Greek Perspective": *DHA* 9 (2013a) 115-129.
- ERSKINE, A. (2013b), "How to Rule the World: Polybius Book 6 Reconsidered": B. GIBSON; T. HARRISON (coord.) (2013), *Polybius and his World. Essays in Memory of F. W. Walbank*. Oxford, OUP, 231-245.
- FARRAR, C. (1988), *The Origins of Democratic Thinking. The Invention of Politics in Classical Athens*. Cambridge, Cambridge University Press.
- FERRARIO, S. B. (2017), "Xenophon and Greek Political Thought": M. A. FLOWER (coord.) (2017), *The Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge, CUP, 57-83.
- FINLEY, M. I. (1985), *Democracy Ancient and Modern. Revised Edition*. New Brunswick, Rutgers University Press.
- GIBBS JR, R. W. (2014), "Embodied Metaphor": J. LITTLEMORE; J. R. TAYLOR (coord.) (2014), *The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics*, London-New Delhi-New York-Sydney, Bloomsbury, 167-184.
- GRADY, J. E. (2007), "Metaphor": GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (coord.) (2007), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, Oxford, OUP, 188-213.
- GUELFUCCI, M. R. (2010), "Polybe, le regard politique, la structure des *Histoires* et la construction du sens": *Cahiers des études anciennes* 47 (2010) 329-357.
- HANSEN, H. M. (1989), *Was Athens a Democracy? Popular Rule, Liberty and Equality in Ancient and Modern Political Thought*. Copenhagen, Det Kongelige Dansk Videnskabernes Selskab.
- HANSEN, H. M. (2005), *The Tradition of Ancient Greek Democracy and its Importance for Modern Democracy*. Copenhagen, Det Kongelige Dansk Videnskabernes Selskab.

- HANSEN, H. M. (2006), *Polis. An Introduction to the Ancient Greek City-State*. Oxford, Oxford University Press.
- INTERNATIONAL IDEA (2018), *The Global State of Democracy in Focus. The Global State of Democracy: Key Findings and New Data*. Stockholm, International IDEA.
- KROEKER, R. (2009), "Xenophon as a Critique of Athenian Democracy": *History of Political Thought* 30.2 (2009) 197-228.
- LANE, M. (2012), "The Origins of the Statesman—Demagogue Distinction in and after Ancient Athens": *JHI* 73.2 (2012) 179-200.
- LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. (coord.) (2018), *How Democracies Die*. New York, Crown.
- LOPES, D. R. N. (2018), "O limite da democracia: o problema da tirania do ponto de vista psicológico em Heródoto e no *Édipo Rei*, de Sófocles": B. B. SEBASTIANI *et alii* (coord.) (2018), *A poiesis da democracia*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 325-352.
- MARSILI, L.; VAROUFAKIS, Y. (2017), *Il terzo spazio. Oltre establishment e populismo*. Bari; Roma, Laterza.
- MORGAN, K. A. (coord.) (2003), *Popular Tyranny. Sovereignty and its Discontents in Ancient Greece*. Austin, University of Texas Press.
- MOUNK, Y. (2018), *The People vs. Democracy. Why our Freedom is in Danger and how to Save it*. Cambridge, HUP.
- MUSTI, D. (2006), *Demokratía. Origini di un'idea*. Roma, Laterza.
- MYERS, R. (1991), "La démocratie chez Hérodote. Une étude du Débat sur les régimes": *CJPS* 24.3 (1991) 541-555.
- OBER, J. (1989), *Mass and Elite in Democratic Athens. Rhetoric, Ideology, and the Power of the People*. Princeton, PUP.
- PATRIQUIN, L. (2015), *Economic Equality and Direct Democracy in Ancient Athens*. New York, Palgrave Macmillan.
- PEBARTHE, C. (2012), "Faire l'histoire de la démocratie Athénienne avec Cornelius Castoriadis": *REA* 114 (2012) 139-157.
- PETRUCCIANI, S. (2014), *Democrazia*. Torino, Einaudi.
- POPOVA, Y. (2015), *Stories, Meaning, and Experience. Narrativity and Enaction*, New York-London, Routledge.
- PRICE, J. J. (2004), *Thucydides and Internal War*. Cambridge, CUP.
- RODRIGUES, N. S. (2018), "Os tiranicidas de Atenas: entre a representação aristocrática e a ideologia democrática": B. B. SEBASTIANI *et alii* (coord.) (2018), *A poiesis da democracia*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 157-186.

- SALDUTTI, V. (2015), "Sul demagogo e la demagogia in età classica. Una sintesi critica": *Incidenza dell'Antico* 13 (2015) 81-110.
- SEAGER, R. (2013), "Polybius' Distortions of the Roman 'Constitution': A Simpl(istic) Explanation": B. Gibson; T. Harrison (coord.) (2013), *Polybius and his World. Essays in Memory of F. W. Walbank*. Oxford, OUP, 247-254.
- SEBASTIANI, B. B. (2018a), "The Coups of 411 and 404 in Athens: Thucydides and Xenophon on Conservative Turns": *GRBS* 58.4 (2018a) 490-515.
- SEBASTIANI, B. B. (2018b), "Atenas, 411: do golpe oligárquico à poiesis da democracia": B. B. SEBASTIANI *et alii* (coord.) (2018), *A poiesis da democracia*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 68-94.
- SIGNER, M. (2009), *Demagogue. The Fight to Save Democracy from its Worst Enemies*. New York, Palgrave MacMillan.
- SOARES, M. T. M. (2018), "Logomaquia e a crítica à retórica democrática ateniense em Tucídides": B. B. SEBASTIANI *et alii* (coord.) (2018), *A poiesis da democracia*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 97-125.
- SOLANO, E. (2018), *Crise da democracia e extremismos de direita*. São Paulo, FES-Brasil.
- STIGLITZ, J. E. (2019), *People, Power, and Profits. Progressive Capitalism for an Age of Discontent*. New York; London, W. W. Norton & Co.
- TAY, D. (2014), "Lakoff and the Theory of Conceptual Metaphor": J. LITTLEMORE; J. R. TAYLOR (coord.) (2014), *The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics*, London-New Delhi-New York-Sydney, Bloomsbury, 49-59.
- TEERGARDEN, D. A. (2014), *Death to Tyrants! Ancient Greek Democracy and the Struggle against Tyranny*. Princeton; Oxford, PUP.
- THORNTON, J. (2013), "Polybius in Context: The Political Dimension of the Histories": B. GIBSON; T. HARRISON (coord.) (2013), *Polybius and his World. Essays in Memory of F. W. Walbank*. Oxford, OUP, 213-229.
- TUCI, P. A. (2013), *La fragilità della democrazia. Manipolazione istituzionale ed eversione nel colpo di stato oligarchico del 411 a.C. ad Atene*. Milano, Led-Online.
- VAROUFAKIS, Y. (2018), "Introduction": K. MARX; F. ENGELS. (2018), *The Communist Manifesto*. London, Vintage, 7-14.
- ZUNINO, M. L. (2013), "La maschera del tiranno. Il potere, la giustizia e l'identità civica": F. GAZZANO; L. S. AMANTINI (coord.) (2013). *Le maschere del potere. Leadership e culto della personalità nelle relazioni fra gli stati dall'Antichità al mondo contemporaneo*. Roma, "L' Erma" di Bretschneider, 23-55.

Resumo: o texto examina passos dos referidos historiadores em busca de compreender quão frágil uma democracia pode ser enquanto fruto de escolha e criação coletiva e, ao mesmo tempo, quão resiliente quando da atuação de lideranças que tudo fizeram para destruí-la e, ao fim de todos os seus esforços, apenas fomentaram forças que acabariam por restaurá-la ou reforçá-la depois de temporariamente abatida. A partir da abordagem enativa proposta por Y. Popova (2015), discute como as narrativas produzidas a partir dos exemplos examinados permanecem válidas para se pensar problemas contemporâneos.

Palavras-chave: democracia; Heródoto; Tucídides; Xenofonte; Políbio; narrativa.

Resumen: el texto examina pasajes de los historiadores mencionados en un intento de comprender, por un lado, cuán frágil puede ser una democracia como resultado de la elección y creación colectiva y, al mismo tiempo, cuán resistente se vuelve cuando líderes hacen todo lo posible para destruirla, pero sólo fomentan, sin embargo, fuerzas que la restaurarían o reforzarían después de derribada temporalmente. Basado en el enfoque enactivo propuesto por Y. Popova (2015), este texto discute cómo las narrativas producidas a partir de los ejemplos examinados siguen siendo válidas para pensar problemas contemporâneos.

Palabras clave: democracia; Heródoto; Tucídides; Jenofonte; Polibio; narrativa.

Résumé: le texte examine comment les historiens ici cités tentent de comprendre à quel point une démocratie peut être à la fois fragile, en tant que fruit du choix et de la création d'une collectivité, et résiliente lorsque ses dirigeants font tout pour la détruire, même si leurs efforts ne font que favoriser les forces qui finissent par la restaurer ou la renforcer, après l'avoir temporairement déroutée. Basé sur l'approche énative proposée par Y. Popova (2015), ce texte examine la manière dont les récits produits à partir des exemples observés restent valables pour penser les problèmes contemporains.

Mots-clés: démocratie ; Hérodote ; Thucydide ; Xénophon ; Polybe ; récit.